

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

O SUJEITO TOXICÔMANO E A TOXICOMANIA¹ **THE TOXICOMMAN SUBJECT AND THE DRUG ADDICTION**

**Ariele Rakoski Zanfra², Denise Mattioni Daronco³, Amanda Suelen Aimi⁴,
Augusto Renan Cervo Pereira⁵, Fabieli Da Silva Souza⁶, Juliane Guisso⁷**

¹ Trabalho desenvolvido e apresentado na disciplina de Aspectos Sociais do Sintoma

² Aluno do curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: arielezanfra@gmail.com

³ Aluno do curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: deni.mattioni@hotmail.com

⁴ Aluno do curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: amanda.elen_aimi@hotmail.com

⁵ Aluno do curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: gu-renan@hotmail.com

⁶ Aluno do curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: souzafabieli@gmail.com

⁷ Aluno do curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: juguisso82@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo propor uma reflexão acerca da Toxicomania e do Sujeito Toxicômano, concebendo-a como um sintoma social, não pelos números de casos, mas por estar inscrito no discurso dominante de uma sociedade. Norteados pela teoria Psicanalítica e tendo como ponto de partida a obra "Alcoolismo, delinquência, toxicomania: Uma outra forma de gozar". Do Autor e Psicanalista Charles Melman, abordaremos o uso de substâncias tóxicas na história da civilização até chegarmos ao seu uso na sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

O método utilizado para a realização da pesquisa foi a revisão bibliográfica a partir da Obra "Alcoolismo, delinquência, toxicomania: Uma outra forma de gozar". Do Autor e Psicanalista Charles Melman e de autores que abordam com propriedade a questão relacionada a toxicomania e o sujeito toxicômano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se dizer que desde os primórdios da civilização o uso de substâncias capazes de alterar o estado de consciência com propriedades tanto estimulantes ou sedativas já fazia parte do contexto, seja para uso medicinal, religioso, lúdico... "Nas sociedades antigas, o uso de substâncias hoje consideradas tóxicas destinava-se a fins diversos: podendo conduzir à cura, à diversão e até mesmo a morte". (OLIVEIRA, 2010, p.240). Na idade média as substâncias tóxicas começaram a ser vistas como imorais e pecaminosas, o que as fez serem proibidas. No modo capitalista cresceu a demanda e o consumo de produtos psicoativos e é a partir do século XIX que o uso abusivo dessas substâncias, drogas, assume o papel e a condição de objetos de consumo.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Freud em *Mal-estar na civilização* (1980) fala que a civilização por si só é geradora de angústia, as exigências podem se tornar insuportáveis para os indivíduos e os levam a buscar medidas paliativas, dentre estas medidas paliativas, Freud cita as atividades científicas, a arte e as substâncias tóxicas, esta última sendo o método mais grosseiro e eficaz. Melman (1992) diz que se a toxicomania é considerada um sintoma social, é certamente porque este sintoma vem dizer de uma verdade, esta verdade é o mal-estar na civilização.

As drogas, ou as toxicomanias, tomaram outras proporções que são consideradas sintomas sociais, elas se tornaram “organizadores” da nossa cultura, pois entram na lógica do sistema a que pertencemos, o sistema capitalista. Entendemos aqui sintoma social como proveniente do discurso que se torna dominante em um determinado lugar e tempo. Melman (1992) acrescenta que a toxicomania é uma produção do social, pois como dito anteriormente, elas sempre estiveram presentes na história da civilização. Não é o uso da droga que torna o sujeito toxicômano, mas o que define é o lugar em que esse sujeito se encontra no discurso. Conforme Melman (1992) a volta a realidade faz com que a existência seja algo aterrorizante, por isso há a necessidade de buscar o objeto novamente após o efeito da droga.

O mal-estar é organizador da sociedade, por este motivo a toxicomania é vista como um perigo para o laço social. O sujeito toxicômano supõe ter encontrado aquilo que o satisfaz, pois, o efeito da substância produz um gozo sem limite, um gozo Outro. Esse gozo na toxicomania é um gozo fora da linguagem, é um gozo corporal. A droga, por não ter uma representação social, não faz laços, por este motivo o toxicômano não produz grupo, não há vínculo. O toxicomaníaco apresenta-se como um extraterrestre, ele está tentando criar um outro mundo, um outro laço social.

Para Melman (1992), se para o toxicômano o princípio do prazer é assegurado pela sua droga, o que faz gozo para ele é o momento da falta, seu gozo é duplo, goza quando não tem a droga e vai em busca da mesma, pois sabe onde encontrar esse objeto, e goza no momento que encontra esse objeto e o consome, é o encontro com o gozo Outro. A suspensão da existência por uso dessas substâncias, pode impor-se como morte, e o toxicômano brinca constantemente com isso, em desaparecer, ausentar-se É como se existisse uma erotização desta pulsão de morte.

Para Melman (1992) na toxicomania a questão fálica está ausente, não se trata de exaltar qualidade de masculinidade, de força, como acontece no alcoolismo. Trata-se de repudiar todo o dever fálico, de recusar todos os valores para ir diretamente a este objeto que nos é interditado de fruir diretamente. A sociedade consumista repousa sobre um ideal, ideal ilusório de que possa existir algum objeto, bem de consumo que possa tapar o buraco, o nosso vazio constitutivo fonte de angústia. Mas ignora o fato de que este ideal é realizado pelo toxicômano. Por isso pode-se dizer que ele vai até o final de nosso desejo neurótico.

A busca por essa completude e por uma solução imediata dispensa o sujeito de confrontar-se com seu desejo, a intoxicação consiste em um meio encontrado para tentar não se deparar com o inconveniente da castração e o irrepresentável do sexo (OLIVEIRA, 2010). O recurso às drogas

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

surge como uma saída que ajuda o usuário a suportar a dor de existir, o sofrimento de sua divisão subjetiva, o mal-estar existente na cultura e nos laços sociais, o sujeito recorre à droga como uma resposta não simbolizada. Pode-se dizer que há uma desapareição do sujeito do desejo colocando-o na condição de objeto da droga. A substância assume o caráter de objeto insubstituível, de valor absoluto, tornando-se objeto causa de gozo e não do desejo.

O Toxicômano se recusa a entrar no gozo fálico, optando por um gozo mortífero, ou como denominou Melman (1992) "Gozoutro", sendo portando um gozo não fálico. A toxicomania se constitui numa tentativa artificial de suspensão da função fálica, sem que haja uma forclusão do Nome-do- Pai. Este gozo na toxicomania pode ser classificado como sendo autístico/cínico como afirma Oliveira (2010), pois possui características próprias, como a autonomia e independência do outro e a capacidade de neutralizar o efeito da divisão subjetivo que o Outro faz incidir no sujeito.

A sociedade contemporânea, fundamentalmente narcísica, prima pela obtenção do prazer a qualquer custo. A própria insatisfação tornou-se mercadoria. A toxicomania surge aí como uma resposta possível, um meio de lidar com essa sociedade e suas implicações, como o consumo exagerado, pois o que importa é que este consumo, este vício exista, para que a estrutura capitalista funcione. O discurso capitalista visa a promoção de gozo, tornando abundante a oferta de gozo fácil e rápido. Assim, as toxicomanias juntamente com o consumismo aparecem como forma do sujeito pós-moderno lidar com a falta estrutural.

Para Oliveira (2010) se antes a regra transmitida de pais para filhos era a renúncia ao gozo, nos dias atuais observa-se que o que se privilegia é o gozo. Os filhos são considerados como fonte de satisfação do gozo e dos ideais frustrados de seus pais. Melman (1992) chegou a formular de que os toxicômanos eram os filhos de nossos ideais, podemos compreender então a toxicomania também enquanto um fenômeno de massa.

Poulichet apud. Conte (2002) relata dois conceitos fundamentais denominados toxicomania de suplência e a toxicomania de suplemento a partir do efeito farmakon. As toxicomanias de suplência são aquelas em que o sujeito ao fazer uso da substância consegue se retirar de uma relação totalitária, como por exemplo, com a sociedade, ele é sujeito pelo uso dessa substância. Já as toxicomanias de suplemento apresentam-se como forma de enfrentar-se com a castração, como se a substância fosse uma prótese narcísica, ali onde tem uma falta, onde ele se sente menos, a substância o ajuda, como por exemplo, a agressividade no alcoolismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pesquisas e das obras estudadas vemos como a toxicomania insere-se na sociedade atual como um sintoma social, mas que desde os primórdios da civilização já existia o uso de substâncias psicoativas. A cultura ocidental, a cultura pós-moderna, possui como imperativo o ato de consumir sem medidas, juntamente com o desamparo próprio dessa cultura e do excesso de liberdade, o consumo é visto como uma maneira de tamponar a falta estrutural. Essa cultura, mais especificamente o discurso capitalista, faz com que o sujeito acredite que não é barrado, que não é

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

faltante, colocando em cheque a castração e fazendo com que através do consumo eles possam se satisfazer plenamente.

Assim, para concluir o trabalho, podemos dizer que tanto o consumismo tão presente em nossa sociedade, como também as toxicomanias aparecem como uma forma dos sujeitos modernos lidarem com a falta estrutural.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Sintoma Social; Toxicomania.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Social Symptom; Drug addiction.

REFERÊNCIAS

CONTE, Marta. **A clínica institucional com toxicômanos: uma perspectiva psicanalítica.** Revista latino-americana de psicopatologia fundamental, ano V, n.2, jun./2002.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930)

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar.** Ed. Escuta, 1992.

OLIVEIRA, Lucy. **Toxicomania e gozo.** Psic. Ver. São Paulo, volume 19, n.2, 2010.